

Breve Nota sôbre os Climas do Rio Grande do Sul e suas Indicações Terapêuticas

Dr. Loforte Gonçalves

Livre-Docente e Assistente em Comissão
de Terapêutica Clínica

Catedrático int.º de Farmacologia

Os climas do Rio Grande do Sul têm sido muito pouco estudados. Por essa razão sentimos grande dificuldade todas as vezes em que os queremos indicar a nossos doentes. E' portanto justo que, num estudo sucinto, procuremos abordar a questão que nos parece ser de grande utilidade.

E' verdade que quasi sempre nos limitamos a indicar regiões onde colegas estudiosos e atentos podem cuidar nossos doentes de maneira acertadíssima, mas, muitas vezes, deixamos de prescrever um determinado clima pela única razão de não conhecermos minuciosamente as suas qualidades.

Sob o ponto de vista médico, afora os estudos climatológicos médicos de Annes Dias, nada ou quasi nada tem sido feito entre nós e, tenha o nosso trabalho o único mérito de chamar a atenção para essa questão, hoje tão controvertida. Certamente estará cheio de erros mas lembraremos que é apenas um resumo do muito que se pode dizer dos climas no nosso Estado.

"Tempo" é, na acepção meteorológica do vocábulo, um determinado instante do estado atmosférico.

"Clima" é o ciclo completo do tempo. Para bem compreender o clima de uma determinada região é necessário conhecer as médias climáticas, que devem ser sempre estudadas em extensão, afim de que se possam observar as mínimas variações.

As irregularidades climáticas são, em grande parte, dependentes das variações das altas pressões ou "anticiclones" e baixas pressões ou "cyclones".

O sol, o grau de insolação, tem nos climas uma importância capital. A latitude está assim em primeiro logar entre os fatores climáticos.

Além desses, teremos ainda que citar:

- 1.º) a circulação secundária dos ventos.
- 2.º) os ventos predominantes.
- 3.º) a distribuição das terras.
- 4.º) a distribuição das águas.
- 5.º) o abrigo da região por zonas montanhosas.
- 6.º) a altitude das terras.

Junto a estes fatores primordiais e, quiçá dependendo deles, não deixam de ter importância, o grau ionimétrico da atmosfera, a densidade elétrica e o grau de umidade.

De acôrdo com o ponto de vista geral, a região pode ser considerada, continental, marítima ou de altitude.

O Rio Grande do Sul está compreendido entre os paralelos sul, 27.º e 34.º, no extremo meridional do Brasil. Está colocado portanto ao norte das latitudes temperadas, caracterizadas pelos ventos do oeste e no limite sul das altas pressões semipermanentes da zona subtropical, causadoras dos ventos de leste.

Seu clima é pois muito variável, ora tomando os aspetos do Sul, ora participando dos da zona subtropical. A latitude tem no Rio Grande, repetimos, um papel importantíssimo. Pela sua situação de zona intermediária, aos anticiclones sucedem-se com uma rapidez incrível e sob as fórmulas mais diversas, os ciclones.

E' de observação diária que ao pesado mormaço segue-se forte ventania, em geral, precedida de copiosas chuvas.

A pressão atmosférica é, ao nível do mar, de 0,760 milímetros de mercúrio, em média. Entretanto, dependendo em grande parte da irradiação solar mais ou menos intensa, ora a pressão sobe (altas pressões ou anticiclones), ora desce (baixas pressões ou ciclones).

Chamam-se curvas isobáricas as linhas que unem os diversos pontos de igual pressão atmosférica de uma mesma região. Estas linhas no continente sul-americano, ainda não foram bem assinaladas. Somente os notáveis trabalhos de Sampaio Ferraz, procuraram delineá-las estudando a "Vida das mutações ciclones, anticiclones" afim de determinar a previsão do tempo.

No Rio Grande do Sul os acidentes isobáricos dependem grandemente não só da velocidade de propagação e da trajetória dessas baixas e altas de pressão, como também da distribuição da temperatura, das nebulosidades, da umidade e etc. O todo representa um fator climático essencial.

As linhas isotérmicas muito melhor estudadas por Coussirat de Araujo, dependem em grande parte da direção dos ventos de leste e oeste.

E' conhecida a ação termorreguladora das grandes extensões de água. A ação termorreguladora de nosso mar e de nossas lagoas é evidente. Este fenômeno aliado às modificações provocadas pelos ventos de direção do norte para o oeste, torna o clima do Estado relativamente ameno. Os invernos, com a imigração do clima subtropical para o norte, aliado à ação dos ventos vindos do sul para leste, ventos frios, são rigorosos mas não destroem em absoluto a amenidade do ambiente.

No verão e primavera as altas pressões atravessam o Rio Grande. No inverno e outono, as baixas se acentuam.

Nosso Estado tem, como acima dissemos, grande extensão de litoral e grandes lagoas a termoregularizar-lhe as temperaturas. Essas reservas hidráulicas amenizam-lhe o clima.

Os ventos seguem do oeste para leste sem encontrar real anteparo a não ser ao nível da Serra do Mar. E' essa a razão de gosar a Serra do Mar de clima relativamente estável e ameno no inverno.

O estudo dos climas pela altitude é também de grande importância entre nós. Subordinam-se em geral às seguintes regiões climatológicas:

1.º Baixo Vale do Uruguai, que limita com a Argentina. Tem uma média de quasi 100 metros acima do nível do mar. E' formado por extensas planícies.

2.º Campanha, limite com o Uruguai, atinge um maximo de 200 metros na zona das coxilhas.

3.º Missões, ao norte do Vale do Uruguai, atinge 400 metros.

4.º Depressão Central, ao sul da precedente, atravessando o Estado de léste para oeste, atinge 100 metros ao sul da Serra Geral.

5.º O Litoral, de altitude não superior a alguns metros. E' dividido pela Serra do Mar em duas partes; um litoral norte, de inverno ameno e um litoral sul, de inverno rigoroso.

6.º A Serra de sudeste que está encravada entre a Campanha, o Litoral e a Depressão Central, tem um máximo de 500 metros de altitude.

7.º O Planalto é a zona ao norte da Depressão Central e a léste da zona das Missões. Estende-se por todo o norte do Estado, aumentando progressivamente de altitude de oeste para léste até atingir 1.080 metros perto de Bom Jesus.

8.º A Serra do nordeste ou zona Colonial, decresce de altitude até a Depressão Central e o Litoral.

Lembremos que o Estado é atravessado pela Coxilha Grande. Ao Norte encontra-se a Serra do Mar. Ao centro está a Serra Geral.

A temperatura média no Rio Grande do Sul é de 17,08.º. As zonas mais quentes, por serem as mais baixas, são a Depressão Central e o Baixo Vale do Uruguai, cuja média é de 24 a 25 graus centígrados.

As regiões mais frescas são o Planalto e a Serra do Nordeste e sudeste, em que a temperatura oscila ao redor de 21,6.º, caindo às vezes abaixo de zero.

As curvas isotérmicas fornecidas pelo Instituto Coussirat de Araujo mostram que em todo o Estado o mês mais quente é janeiro, excepto no Litoral em que é fevereiro. O mais frio é julho.

Observam-se frequentemente grandes variações nicteméricas da temperatura. Sob o ponto de vista médico elas foram profundamente estudadas por Amêes Dias.

Essas baixas são quasi sempre paralelas às quedas da pressão atmosférica.

As ondas de frio e calor não são raras no Rio Grande.

As geadas atingem todo Estado. Em S. Francisco de Paula já se contaram até 41 geadas no decorrer de um ano.

As chuvas, nos paralelos em que estamos compreendidos, precedem em geral os anticiclones. As altas pressões como que trzem na vanguarda uma baixa que é empurrada para o mar.

A Serra do nordeste é a mais chuvosa e o pluviômetro chega a registrar 2.000 m/m por ano. As épocas das chuvas são o outono, o inverno e o princípio da primavera. As chuvas da primavera são mais acentuadas na Serra do Mar. As do inverno na Serra Geral. As do outono na zona do Baixo Vale do Uruguai.

As serras desempenham papel saliente na formação das trovoadas. E' esta a razão por que as Serras do nordeste e sudeste desempenham papel evidente na sua formação, dentro do Rio Grande do Sul.

O Litoral e a Depressão Central são por excelência as zonas em que mais se observam êsses fenômenos meteorológicos.

A neve é rara. Atingiu já algumas vezes, como em Vacaria, até 80 cms. com 8 dias de fusão. E', entretanto, fiato sem maiores consequências.

A umidade é alta: 75% a 85%. Nas proximidades do Atlântico, como é lógico, e para os lados da Serra do nordeste, nota-se a maior umidade.

Das horas de sol e da maior ou menor nebulosidade depende a insolação.

A êste respeito há quasi uma igualdade de valores em todos os pontos do Estado. Missões, Vale do Uruguai, Serra do nordeste, são no entretanto aquelas que fornecem maiores valores de insolação.

Janeiro e dezembro são os meses mais insolados e isso porque mais escassos são os nevoeiros, aliás sempre pouco frequentes.

Além dos ventos alísios e contra-alísios do litoral os ciclones e anticlones percorrem o Estado durante todo o ano.

A velocidade máxima atingida em Pôrto Alegre foi de 34 mts. por segundo.

A êsses fortes ventos segue-se em geral a quêda da pressão que chega a atingir 0,747.

No quadrante oeste temos que citar o Minutano ou Pampeiro, de todos nós tão conhecido. No quadrante sul, o Carpinteiro da Costa, Suestadas e o Nordeste.

Com êstes dados meteorológicos, compilados e estudados em dois de nossos grandes cientistas na matéria. Coussirat de Araujo e Sampaio Ferraz, estamos relativamente autorizados a fazer climatologia, indicando quais as regiões mais úteis sob o ponto de vista climatoterápico.

Afigura-se-nos de início que o Rio Grande tem climas para todos os gostos e indicações. Não possuímos é bem verdade os climas ideais de certas terras, mas devemos lembrar-nos que não só os protegidos da sorte que podem fazer grandes gastos, necessitam gosar dos favores curativos dos climas.

E' para os pobres e remediados em geral que precisamos fazer indicações climáticas dentro do nosso torrão. A êles pois, dedico êste pequeno trabalho.

Seja-me permitido aquí resalvar que os erros que possa ter êste resumo são inteiramente meus e de que, desde já, me penitencio, suplicando aos mais cultos e entendidos na matéria que os emendem para meu bem e felicidade daqueles a quem é dedicado.

Sabemos que há bem pouco foi negado por um Congresso de grandes autoridades o valor da altitude, da planície, do mar, no tratamento das variadíssimas entidades mórbidas para que eram indicados. A nós, quer parecer, que uma revisão devia ser feita em tal modo de pensar para que não seja destruido tão de afogadilho aquilo que a experiência de séculos mostrou ser de utilidade quasi inconteste. O clima não é uma panacéia mas é um meio terapêutico racional. Nunca fugiremos à ação do ambiente de que somos filhos. Sempre sofreremos os seus efeitos.

O choque climático é assunto já perfeitamente estudado, demonstrando as observações clínicas e laboratoriais, serem bem características as variações metabólicas dependentes do clima. Essas variações repercutem sôbre o estado geral e muitíssimas vezes curam.

Êste modo de apreciar a questão não é só nosso. Já são sem conta os clínicos que se tem colocado sob o mesmo ponto de vista.

Tres zonas altas têm primeira indicação no Rio Grande do Sul: o Planalto, a zona Colonial e a Serra do sudeste. Temos ainda muitas dificuldades para a condução de doentes. Pouco a pouco, porém, essas dificuldades irão sendo removidas.

No Planalto temos por ordem crescente de altitudes: Santiago do Bo-

queirão, Júlio de Castilhos, Cruz Alta, Soledade, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria e Bom Jesus, como principais cidades a indicar.

Na Serra do nordeste ou zona Colonial: Guaporé, Alfredo Chaves, Bento Gonçalves, Caxias e São Francisco de Paula.

Na Serra do sudeste: Caçapava e Encruzilhada.

Entre as praias do Litoral, desde o Casino espraído e imenso até a magnífica, encantadora e alcantilada Torres, passando por Cidreira, Quintão, Tramandaí e Capão da Canoa temos os mais diversos climas marítimos.

Na Campanha temos que citar: D. Pedrito, Livramento e Bagé.

No Vale do Uruguai: Uruguaiana, Itaqui, S. Borja.

Nas Missões: S. Luiz de Gonzaga, Santo Ângelo, Santa Rosa.

Finalmente, na depressão Central, desde Pôrto Alegre a Alegrete, passando por S. Jerônimo, Viamão, S. Leopoldo, Hamburgo, Taquara, S. Antônio da Patrulha, Montenegro, Taquarí, Rio Pardo, Santa Cruz, Cachoeira, Santa Maria, muitas outras vilas existem com ótimas indicações.

Devo lembrar que aquí só citei algumas das localidades que podem ser usadas com fins terapêuticos sem especificar todas o que tornaria fastidioso este pequeno trabalho. Junto publicamos um mapa do Rio Grande do Sul, dividido em regiões climatológicas, imitação daquele publicado por Coussirat de Araujo em seu trabalho sobre o assunto. Aí poderemos encontrar quasi todas as localidades do Estado enquadradas dentro das suas zonas respectivas.

Façamos agora algumas considerações médicas sobre climatologia.

A climatologia é o estudo das ações terapêuticas que se podem opor aos diferentes estados mórbidos, pela influência variável dos diversos climas. Comporta pois:

O conhecimento dos climas: E' a climatologia;

O conhecimento dos seus efeitos fisiológicos sobre o organismo são e sôbres os casos patológicos;

O conhecimento das indicações terapêuticas que daí decorrem;

Enfim, o conhecimento dos modos de aplicação e de dosagem das ações climáticas. (Trad. de M. d'Oelsnitz no vol. Terapêutica do Tratado de Patologia Médica de Sergent).

Krause e Garré dizem: "Sob o ponto de vista médico, compreende-se com o nome de clima todas as propriedades do firmamento, do ar e do terreno, que podem exercer influência sobre os órgãos do indivíduo".

Para isso vários fatores temos que levar em consideração: O indivíduo e seu estado mórbido, de um lado; a temperatura, a insolação da estação climatológica, a pressão atmosférica, a umidade, o ar, a natureza do solo e mesmo o estado da vegetação ambiente, por outro lado.

E' sabido que de uma maneira absoluta não podemos prever o modo de reagir de cada doente. Mas, de uma maneira geral, como veremos daqui a pouco, podemos prevenir muitos acidentes às vezes de resultados catastróficos. Inda há bem pouco, duas de nossas doentes, uma mitral bem compensada e uma hipertensa, pagaram com a vida a teimosia de querer veranejar a grandes altitudes. Como qualquer meio terapêutico, a climatoterapia é uma faca de dois gumes.

Climas de altitude propriamente ditos, climas de fraca altitude, climas de planície, climas marinhos têm todos suas indicações clínicas, devendo o

médico levar em consideração: O doente, o psiquismo do doente, a doença, os meios financeiros de que dispõe o cliente, a época do ano e a região com todos os seus fenômenos meteorológicos.

E' pois preciso muita criteriologia médica para recomendar um clima.

Em nosso meio a maior parte das vezes, não podemos de imediato constatar o efeito, isto é, o modo de reagir do doente ao choque climático, determinado pela mudança de ambiente. Um bom colega, amigo, residente no local indicado é sempre quem melhor nos poderá informar sobre o efeito de nossa indicação.

Esse choque climático pode ser útil ao doente, e se dará então a adaptação ao meio com todas as suas vantagens. Pernicioso, pode desencadear reações gerais, lesionais ou funcionais de tal ordem que, obriguem o paciente a se afastar, sem perda de tempo, sob pena de gravíssimas consequências. E' a intolerância climática, que pode ser relativa ou absoluta. Esta é irremovível, aquela, com cuidado, estações intermediárias, descanso, etc., pode, às vezes, ser afastada.

Dentro do esquema adotado pela maior parte dos autores, não temos climas verdadeiramente de grande altitude, isto é, acima de 1000 metros do nível do mar. Somente as zonas de Vacaria e Bom Jesus com 1080 metros estariam aí incluídos.

Considera-se média altitude, de 500 a 1000 metros, e daí para baixo, pequena altitude até chegarmos à planície.

As mutações de altitude trazem um certo número de modificações ao organismo, às quais vamos filiar as suas indicações e contra-indicações. São os climas de altitude, por excelência tônico-estimulantes e excitantes.

A pele, os órgãos respiratórios e os dos sentidos sofrem as primeiras impressões. Sabemos que no homem as vestes criam uma atmosfera relativamente constante de 27,30 graus centígrados. Além disso as modificações de temperatura e muito especialmente as baixas, trazem uma vaso-constricção periférica acentuada, evitando o desperdício calórico. No entanto, há maior evaporação de suor por ser seco o ar ambiente.

Os movimentos respiratórios aumentam em frequência e profundidade. Há maior eliminação de gaz carbônico porque o metabolismo de base é também elevado. Daí podemos concluir de imediato que todo o metabolismo da nutrição sofre os seus efeitos e ao catabolismo dos primeiros dias, com consequente emagrecimento, segue-se um anabolismo restaurador que suplanta o "deficit" havido.

Devido a êstes fatos e à diminuição da pressão, o coração tem que trabalhar mais: aumenta a sua força e acelera o seu ritmo.

A rarefação do ar exige para a hematose maior quantidade de hemoglobina e esta maior número de eritrocitos. Daí os resultados brilhantes obtidos nos anêmicos e cloróticos.

O aparelho digestivo devido ao aumento da nutrição acelera o seu funcionamento e daí a razão de aumentar o apetite e de se regularizarem as evacuações.

O sistema nervoso é em geral muito excitado de início.

A adaptação, pouco a pouco, repõe esses indivíduos em sua normalidade. Dadas as principais características dêstes climas que, como já acentuamos, são, ar seco, puro e rarefeito, pressão baixa, clima frio e muito insolado, podemos indicá-los aos anêmicos, esgotados e convalescentes. Os astênicos e

muito especialmente os neurastênicos após um período que pode ser de franca excitação, calmam rapidamente. E' o clima ideal para o tratamento das insônias. A bronquite crônica melhora às vezes consideravelmente. Os fracos, os predispostos à tuberculose, os filhos de tuberculosos, os tuberculosos renais aproveitam muito s seus benefícios.

Quanto à tuberculose pulmonar, têm indicação as fórmias iniciais apiréticas, as ulcerosas pouco extensas e mesmo as cavitárias cuja tendência esclerosante tenha sido constatada clínica e radiologicamente. Em geral as febrículas vesperais não os contraindicam em absoluto; é necessário, no entanto, recomendar o máximo repouso a êsses doentes principalmente no início da cura climática. E' sempre preferível que sejam tratados em sanatórios especializados, que, ao que nos consta, ainda não possuímos.

Costumamos sistematicamente contraindicar o clima de altitude aos tuberculosos com tendência às hemorragias. Sabemos que alguns médicos, usando vários processos de adaptação lenta, não contraindicam êsses climas nêsses casos. Nós, entretanto, preferimos evitá-los. Nos tuberculosos com lesões cardíacas mesmo compensadas e muito especialmente nos mitraes, igual critério seguimos.

Da mesma maneira contraindicamos os climas de altitude aos cardíacos, nefríticos, hipertensos, arterioesclerose, ateromatosos, asmáticos e enfizematosos. Os asmáticos devem evitá-los principalmente na primavera por ser a época de floração.

De uma maneira geral a todos os doentes a quem indicamos êstes climas, recomendamos certas precauções que não devem nunca ser desprezadas. Se possível o doente deve aumentar por períodos de 20 a 25 dias, duzentos a trezentos metros de altitude. A princípio obrigamos o doente a repouso absoluto de 2 a 4 dias em cada estação, para que não sinta um efeito muito intenso do choque climático. Escolhemos em geral o verão para essas indicações e prolongamos a estadia pelo maior tempo possível.

As localidades recomendadas a êsses doentes, em nosso Estado, por ordem crescente de altitudes são: A Serra do sudeste, a Zona Colonial e o Planalto.

Os climas de planície e os de fraca altitude, isto é, os que apresentam altitudes que não ultrapassam 400 a 500 metros têm como características principais: A maior unidade, a pressão mais elevada e a menor insolação. São os climas das curas de repouso, os climas indicados para as férias de todos os indivíduos que necessitam recompor-se após um ano de luta e de trabalho. E' nêsse clima que melhor são indicadas as curas de silêncio e de floresta.

São variadas as suas indicações mas quasi todas são sedativos por exce-lência.

Os cardíacos, os renais, os esclerosos, os anginosos, os hipertensos suportam em geral muito bem êsses climas. Claro está que em indivíduos desta natureza, em que a subtilidade das reações é sempre delicadíssima e pode ter péssimas consequências, devemos agir com o máximo cuidado. Lembramos sempre quando indicamos climas a êstes doentes que o choque climático deve ser tanto mais fraco quanto mais grave seja ou tenha sido o estado de nosso doente. Evitamos-lhes quasi sempre as mudanças no inverno e outono reservando-lhes a primavera e o verão.

Poderemos citar como climas desta natureza em nosso Estado o baixo

Vale do Uruguai, a Campanha, a Depressão Central, e finalmente nos casos melhores e principalmente nos casos renais a zona das Missões em que, em alguns casos, pode ser indicada a associação de um tratamento crenoterápico.

Fazemos quasi sempre iniciar por êstes climas os nossos tuberculosos com tendências hemorrágicas, ou febrís, em bom estado.

Quanto ao clima marítimo podemos dividi-lo, em nosso Estado, em Litoral norte e Litoral sul separados um do outro pela Lagoa dos Patos.

“O mar é um reservatório de calor e um refletor da luz” diz d'Oelsnitz.

Nêle vamos encontrar como características principais, a maior umidade, a grande elevação do grau ionimétrico do ar e da luminosidade, lembrando-nos que os raios actínicos são grandemente refletidos pelas águas. A riqueza de oxigênio, de ozônio, de iodo e cloreto de sódio, não é desprezível sob o ponto de vista das reações apresentadas pelo organismo. A temperatura é regularizada pelas brisas cíclicas marinha e terrestre.

Os nossos climas marítimos do Litoral sul são mais batidos pelos ventos que os do norte que apresentam o anteparo da Serra do Mar.

Estes climas são por excelência estimulantes e tônicos. Influem sôbre o indivíduo agentes físicos e químicos que, em ação sincrônica, obrigam o organismo a reagir. Claro está que é necessário que êsse mesmo organismo ainda esteja em condições tais que, reagindo, possa compensar as perdas, provenientes da ação dos climas marítimos, por uma hiperatividade compensadora.

Estão compreendidos nesta indicação os convalescentes de moléstias infecciosas, os sífilíticos, os alcoólicos curados, os raquíticos (muito especialmente), os anêmicos e os deficientes hereditários de todas as naturezas. Os convalescentes de moléstias agudas pulmonares, como a pneumonia e coqueluche, e os de moléstias alérgicas como o sarampo, o alastrim, a varíola ou a difteria tem aquí uma ótima indicação.

Nas bronquites crônicas infantís o resultado é às vezes brilhante.

As tuberculoses cirúrgicas de todas as naturezas e mesmo aquelas em que a febre é moderada tem aquí indicação absoluta. Sabido é que toda tuberculose tem que ser considerada como uma moléstia geral mas o seu tratamento pelo mar é indicado especialmente às fórmulas cirúrgicas. As reações gerais nesses doentes são de um benefício a toda prova, lembrando-nos mais que a associação helioterápica dá resultados brilhantes. Sabemos que há quem indique as grandes altitudes para êsses doentes baseando-se nos resultados obtidos, entre outros, por Rolier. Mas êsses mestres, devemos também lembrar, trabalham em sanatórios magníficos, e nós, no Rio Grande do Sul fazemos apenas indicações para os que se tenham que tratar extra-sanatorialmente, pois não nos consta que existam serviços dessa natureza em nosso Estado. E' mais facil convencer a família de um doente que o exponha ao sol nas praias que nas grandes altitudes, geralmente frias.

Nos casos de adenopatias traqueobrônquicas, pleurises serofibrinosos e nas convalescências das pleurisias, costumamos indicar êstes climas, alterando-os, quando possível, com os climas de altitude. O resultado assim por nós obtido tem sido ótimo, embora outros colegas divirjam desta opinião.

Os asmáticos, conquanto reajam diversamente, melhoram geralmente de uma maneira sensível. Mas muitos reagem também de maneira bem diversa e não podemos esquecer que um de nossos doentes tem crises fortíssimas de

urticária quando vai para o mar, bem que já tenha experimentado as praias do sul e do norte.

Os nossos cardíacos calmos e bem compensados, arterioesclerosos e mesmo hipertensos têm geralmente reagido bem ao ar do mar. Costumamos contraindicar o clima marinho aos renais, aos tuberculosos pulmonares, especialmente se febris e hemorragíparos, e a todos quantos já estejam em grande estado de carência orgânica. Interditamo-lo igualmente aos anginosos, aórticos, aneurismáticos e nervosos excitados. Permitimo-lo unicamente àqueles que apresentem fôrmas nervosas depressivas bem que, mesmo com êstes, necessitemos ter muito cuidado em receitá-lo.

Devemos aquí dizer, antes de terminar, que só permitimos o banho de mar aos doentes em estado de relativa anergia e nunca àqueles em que tememos uma descompensação ou um desgaste capaz de piorar a sua situação. Assim o cardíaco, o hipertenso e o arterioescleroso, o pleurítico devem fugir à ação demasiado excitante e depressiva do banho de mar, recomendando-lhes unicamente a ação do ar do mar. Essa ação, como já dissemos, é talvez mais útil pelos seus componentes químicos que pela ação física, dependente da luta com o mar e da massagem geral daí resultante.

E assim cremos que, estudando, nesta breve nota, os climas do Rio Grande do Sul e suas indicações terapêuticas, algumas facêtas do grande problema da climatoterapia em nosso Estado, auxiliamos com nossa pequena parte a resolução de um problema regional que só a cooperação de todos poderá resolver em definitivo.

Estudos mais pormenorizados do nosso nictemério no Estado e suas relações com a terapêutica, trariam é bem certo muitas explicações interessantes a grande número de fatos clínicos e las vantagens terapêuticas daí decorrentes. E' necessário sómente que muitos se juntem àqueles que já os iniciaram.

Não será demais lembrar que a nossa falta de conhecimentos regionalistas, não só sobre os nossos climas, mas ainda sobre as possibilidades crenoterápicas de nossas fontes deveria recomendar um congresso regional de todos os colegas interessados no assunto. Teria essa reunião a grande vantagem de por em evidência as grande possibilidades terapêuticas naturais de que poderíamos lançar mão dentro do Rio Grande do Sul e as indicações precisas a todos os estados mórbidos, o que não comporta o presente trabalho. Assim às nossas indicações medicamentosas, de que quasi nunca podemos abrir mão, juntariamos as do meio, o que seria de incomensuravel vantagem prática.

RESUMO

O autor estuda em rápidas linhas os elementos preponderantes dos climas no Estado do Rio Grande do Sul. Divide o Estado em zonas climáticas e faz recomendações climatoterápicas para vários estados mórbidos, julgando possuir o Estado climas que satisfazem plenamente a um grande numero de indicações.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Autor behandelt in kurzen Zeilen die hauptsächlichsten Klimata im Staat Rio Grande do Sul, Brasilien. Er teilt den Staat in klimatische Zonen ein und empfiehlt verschiedene klimato-therapeutische Behandlungsweisen für manigfache Krankheitszustände, meinent dass der Staat Rio Grande do Sul Klimata besitzt, die eine grosse Zahl von Indikationen vervollständigen.

EPITOME

The author studies in brief lines the preponderant elements of the climates in the state of Rio Grande do Sul, Brasil. He divides the state in climatic regions, making climato-therapie recommendations for several morbid estates, concluding that Rio Grande do Sul has climates which satisfie completely a great number of indications.

BIBLIOGRAFIA

Annes Dias — Lições de Clínica Médica.

Sampaio Ferraz — Meteorologia.

Coussirat Araujo — Memória sobre o clima do Rio Grande do Sul — 1930.

d'Oelsnitz — Climatotherapie in Therapeutique XXIX vol. do Traité de Pathologie Médicale et de Therapeutique Appliquée de Emile Sergent.

Krause e Garré — Tratado de Terapêutica — 1.º vol.

A. Martinet — Thérapeutique Clinique — 3 edition.

Goldscheider — Tratamento das enfermidades internas.

Piery — Traité de Climatologie Biologique et Médicale.

